



## Os Trombonistas no Choro: dos precursores aos atuais referenciais

Marcos Flávio de Aguiar Freitas  
UFMG – [trombomarcos@hotmail.com](mailto:trombomarcos@hotmail.com)

**Resumo:** este artigo buscou registrar os nomes dos primeiros trombonistas chorões, contidos em PINTO (1936), fazendo um apanhado histórico, além de conter pequenas biografias de nomes que são referenciais diretos ou indiretos da performance do instrumento no choro até os dias atuais.

**Palavras-chave:** Performance. Choro. Trombone.

**Abstract:** this article sought to record the names of the first choro's trombonists, listed and described by PINTO (1936), tracing a historical record, and providing small biographies of names that are direct or indirect related to this genre nowadays' performers.

**Keywords:** Performance. Choro. Trombone.

### 1. Os Precursores

O livro - *O Chôro, reminiscências dos chorões antigos* - foi originalmente publicado em 1936. Em sua contracapa há o texto “Contendo: O perfil de todos os chorões da velha guarda, e grande parte dos chorões d’agora, factos e costumes dos antigos pagodes, este livro faz reviver grandes artistas musicistas que estavam no esquecimento”.

(...) Alexandre Gonçalves Pinto (Rio de Janeiro, 1870 – Rio de Janeiro, 1949) foi carteiro e músico de choro, sendo também cantor, violonista e cavaquinista. É o autor da obra *O Choro, reminiscências dos chorões antigos*, que foi lançada em 1936 e contém dados sobre quase 300 músicos que atuaram no fim do século XIX e começo do século XX. O texto é mais conhecido como “Memórias de um carteiro chorão” e, embora escrito por um “humilde carteiro”, tornou-se fonte essencial para os estudiosos da musicologia brasileira, diante da escassez de material sobre este período (JUNIOR, 2014, p.41).

O livro foi organizado sob a forma de verbetes, sendo um registro importantíssimo do movimento musical da segunda metade do século XIX no Brasil. Como existem poucas fontes de estudo e registro dessa época, o livro se tornou uma referência musicológica valiosa. O carteiro e cavaquinista amador Alexandre Gonçalves Pinto conseguiu, de forma simples e despretensiosa, não



só reunir pequenas biografias sobre toda uma geração de chorões, mas registrar todo o ambiente do choro, discorrendo sobre o movimento cultural carioca da época. Em seu livro, também descreve os encontros entre os chorões, os frequentadores dos saraus e serestas, as comidas e bebidas servidas, as danças, expressões e gírias correntes na época, as formações dos grupos e os instrumentos que eram utilizados, além, é claro, de elencar as músicas de maior sucesso entre os chorões neste período.

Foram identificados dezenove trombonistas em seu livro nesta primeira geração de instrumentistas dedicados ao choro. Elencaremos aqui todos os encontrados, transcrevendo os verbetes contidos no livro de Alexandre Gonçalves Pinto. Aliás, o estilo de sua escrita é um atrativo à parte, como se pode perceber. Ele abusa de erros, adjetivos e expressões inusitadas:

Accyoli:

“E' um pistonista de muito folego, e que tem feito prodígios com o seu pistão, e ainda faz. Elle é tambem um trombone conquistado pelas Companhias Exrangeiras que nos visitam, satisfazendo sempre todas as exigencias dos maestros regentes. O Accyoli vence todas as musicas por mais dificil que sejam em um só golpe de vista, razão porque é conhecido como artista de primeiro plano vencendo todas as dificuldades da crise que avassala no momento os nossos melhores musicistas. E' elle sempre procurado pelos organizadores das orquestras dos nossos Theatros, onde elle é um verdadeiro astro que com o seu brilho eleva o valor dos nossos musicos. Accyoli foi e é um grande chorão da tempera dos inesqueciveis Luiz de Souza e Carramona, e independente disto é um leal amigo e de apurada educação. Ha poucos dias encontrei com elle troquei idéas nos relembando de muitas cousas passadas quando fazia parte da orchestra do Ameno Resedá, onde o seu pistão conversava com o pistão do inesquecivel Luiz de Souza, na sahida do referido Rancho do Palacio Guanabara em uma marcha infernal da Côte de Belzebuth. Carnaval de 1911.” [sic] (PINTO, 1936, p.262).

Ademar Casaca (citado em Chiquinho):

“(…) primoroso violão, admirado. Deixou o violão e toca actualmente Trombone com maestria, sendo um eximio professor.” [sic] (PINTO, 1936, p. 24).

Bellot (citado em Paulino):

“(…) tocava tambem com Paulino, o grande trombonista Bellot, e Ernesto Magalhães, grande violão, e outros, que não me vem á memoria.” [sic] (PINTO, 1936, p.61).

Benedicto Bahia:



“Vamos agora bolir com as fibras de outro immenso folião da flauta que se chama Benedicto Bahia, foi bamba nos segredos da flauta, quasi todo Botafogo conhece-o como chorão de facto, pois quando melodiava na sua flauta naquelles choros molles que é commum nelle, as mulatas ficavam todas dengosas, dizendo bravo, seu Bahia ! Hoje pelos annos e pezo de família está um pouco retirado, mas mesmo assim ainda dá a sua pernada. Eram seus acompanhadores o celeberrimo violão Ademar Casaca, morador a muitos annos tambem em Botafogo, violão primoroso, sola e acompanha com grande maestria. Hoje toca trombone por musica o que conhece com theoria e rythmo. Hoje já um pouco alquebrado pelos annos, só lecciona, não só violão como piano ou qualquer instrumento. Era tambem acompanhador de Bahia o immenso cavaquinho que foi João Soares de saudosa memoria, João Soares de grande bagagem de musicas por elle feitas e que deve ter algumas o nosso estimado Bahia.” [sic] (PINTO, 1936, p. 47).

Carlos Furtado (e Candinho):

“Era um hábil chorão, tocava flauta com certa perfeição, era especialista nas musicas de Callado, Silveira, Luizinho e do trombonista Candinho Silva, cujas composições acham-se no caderno de muitos flautistas da actualidade, nenhum dos antigos musicos escreveu tanta quantidade de chôros como Candinho Silva tem escripto, é admiravel em suas composições pois não só escreve com difficuldades para os tocadores batutas, como também para os fraquinhos. Candinho toca trombone como poucos, é um verdadeiro maestro no instrumento, suas composições são de uma belleza de arte e de gosto. Em meu poder tenho grande quantidade das mesmas que guardo com todo carinho como uma joia de alto valor... Furtado, abandonando a flauta, dedicou-se ao trombone tendo como mestre Candinho Silva, tornando-se um trombonista respeitado, dando com isso grande prazer ao seu mestre. O autor destas linhas acompanhou a vida de Furtado, até os seus ultimos dias. Indo certa vez em sua residencia em companhia de Ernesto Magalhães e Billot, já tambem fallecidos, encontrou elle muito abatido, quasi não podendo falar, então por gracejo lhe disse: Viemos te buscar pois temos um pagode puxado a "Qui-Qui" (porco), elle com um pequeno riso nos labios, nada respondeu, este riso era já advinhando a sua partida para o além, onde com Santa Cecilia ia tocar os hymnos santos do céu ! Morreu de uma tuberculose deixando um vacuo triste e difficultoso de ser preechido.” [sic] (PINTO, 1936, p.18).

O Coimbra do Trombone:

“Foi este, convidado um dia para um chôro em casa do seu compadre onde se realisava um baptisado. O Coimbra que era devoto de Santa Rita, e antes de ir para o chôro ajoelhou-se deante da Santa Rita, pedindo que não o deixasse beber, pois quando elle bebia ficava impossivel de se aturar depois do pedido tocou o Coimbra para o pagode, na sua chegada teve grande recepção como era de esperar, muita comida, muitas bebidas, muitas saudações, o nosso Coimbra, não pôde resistir, começou a comer e a beber as paginas tantas já não soletrava "Cascadura", não conhecia ninguem, aconteceu que para voltar para casa foi necessario que seu compadre que era Guarda Municipal, chamasse um carregador para carregar-o para sua residencia! Na hora da sahida sua comadre entregou ao dito carregador uma duzia de ovos para sua senhora depois de muito custo chegou em casa o Coimbra, tomando das mãos do carregador a duzia de ovos, foi direito ao quarto onde estava, jogando todos os ovos na Santa, blasfemando por não ter sido attendido no seu pedido. Emquanto se passava esta scena de sacrilegio, o chôro continuava em casa do compadre lá para as bandas da rua Machado Coelho. O Coimbra, era pae de um moço que tornou-se um grande chorão no violão, já fallecido. Eu privei muito com o Coimbra, uma occasião encontrei-o no Estacio de Sá, e começamos a tomar umas "lambadas", as paginas tantas



já estávamos cercando frango. O Coimbra neste tempo morava na rua de São Carlos, levou-me para sua residência para mostrar-me uma linda criação de porquinhos da índia, pegando os pobres bichinhos pelo cangote virava de pernas para o ar para mostrar o sexo, e com grande compreensão nervosa motivada pelo uso do álcool, matou quasi todos! passaram-se ainda outros episodios com outros personagens. Em uma ocasião depois de terminado um chôro botaram dentro de uma carroça da Gary este chorão, por ter abusado extraordinariamente das bebidas tornando-se inconveniente no pagode, e tendo sido tomada esta medida para a moralização dos chorões, afim de que não se reproduzisse scenas identicas, pois quando um componente da troupe dos chorões desrespeitavam algum amigo entre elles, o "cabra" era repudiado e dispensado com todo deferentismo por seus companheiros de conjuncto.” [sic] (PINTO, 1936, p.126).

Deodato Matta:

“Foi chorão de facto, e inveterado. O seu instrumento era o trombone, que elle executava com muita perfeição. Acompanhava muito bem, não só com a parte a frente como tambem de ouvido, acompanhou grande chorões daquella época e senpre a contento de todos, pois sabia naquelle instrumento dizer o que sentia. Tocou em muitos bons bailes, Sociedades, Ranchos etc., de fazer arrebatar. O bom amigo acima era baiano de nascimento attendo-se aposentado no cargo de carteiro. Foi residir no seu torrão natal e lá falleceu, deixando grandes saudades.” [sic] (PINTO, 1936, p.222).

Eurico (e Sequito):

“Quem em Villa Izabel não conheceu o bom do Eurico. Amigo dedicado, companheiro firme impossivel de descreerse. Eurico dedicou-se ao cavaquinho, que celebrou-se, tal a maneira que sabia dedilhar aquelle minusculo instrumento. Acompanhava admiravelmente, que diga o meu dedicado amigo, e grande professor Candinho Silva, Jorge Seixas, Jucas Ruso e muitos outros que em choros com este sempre chorado e lembrado musicista. Depois dedicou-se a trombone, que julgo ter sido seu professor e bom o Candinho e tambem o sempre lembrado Sequito, que gostosamente sabia dizer no seu trombone todas as maguas de um coração sentido. Eurico, foi muito admirado por seus companheiros chorões, pela rapidez com que aprendeu este instrumento, pois, falleceu tocando bem. Era um dedicado amigo descrever-se a bondade deste companheiro é bastante difficil, tal a bondade de seu coração, e o fino tratamento que elle dava em sua casa, e fôra della. Eurico fez as alegrias em Villa Isabel, e assim levantou uma Sociedade Musical Dansante, denominada "Os Africanos", que muitas glorias deram a Villa Izabel, e nas principaes ruas desta cidade em diversos carnavaes, arrancando os maiores ap-plausos Infelizmente este bom e distincto amigo falleceu a poucos annos deixando Villa Izabel, coberta de luto.” [sic] (PINTO, 1936, p.248).

Felippe Trombone:

“Conheci muito de perto este chorão, na casa da Maria Arauna, onde elle residiu por muito tempo. Tocava muito bem o seu instrumento, e era o trombone nas festas que dava quasi continuamente em casa da Maria Arauna. Tambem tocava bombardino com bastante perfeição. Tocou em muitos bailes em sociedades dansantes. era farrista de verdade, onde houvesse um chôro alli pelo Catumby tambem estava o bom do Felippe. Era distincto companheiro, e dos bons. Já fallecido a muitos annos.” [sic] (PINTO, 1936, p.222).

Submissão: 17/jul/18 – Aceite: 27/set/18

ISSN: 2595-1238



Francisco Galvão (Chico Careca):

“Este bom chorão trabalha há muitos annos no Jornal do Commercio; é bamba no Trombone e turuna no Obóe, instrumento este por quem elle tem muita predilecção. Chico Careca é um chorão divertido, por esta razão não podia de modo nenhum deixar de lhes prestar esta homenagem aqui. Amigo sincero e respeitador, um coração de ouro, esplendido chefe de familia. Eis tudo o quanto tenho de dizer deste chorão antigo e muito querido pelos chorões da velha e nova guarda.” [sic] (PINTO, 1936, p.186).

Henrique Martins:

“Foi alumno do Collegio dos Meninos Desvalidos. Companheiro do Romeu e do saudoso Paulino Sacramento e de muitos outros grandes musicos. Conheci-o como subdirector de harmonia do Ameno Resedá, como um grande disciplinador de harmonia, fazendo cousas impossiveis com o seu trombone e bombardino nos contra-cantos da marcação do bombardão do inesquecível Gonzaga. Henrique é hoje um professor de musica que ornamenta as orquestras constituídas de musicos nacionaes e estrangeiros. E' um artista sincero, modesto, simples e de fino tratamento por isso muito estimado pelos seus collegas de classe e pelos chorões da velha guarda.” [sic] (PINTO, 1936, p.128).

Irineu Batina:

“Este professor, e maestro era conhecido no meio do chôro por “Batina”, porque este bom e amavel amigo para mim inesquecível, assim como para todos, andava sempre de sobre-casaca comprida, muito em voga naquella época. O seu instrumento preferido era o ophicleide no chôro, porém nas companhias lyricas ele era um trombonista disputado por todos os maestros estrangeiros. Como componente da banda do Corpo de Bombeiros, era um eximio executor do bombardino, estimado e admirado pelo inesquecível Anacleto, que tinha por elle muita veneração pois o Irineu era um artista de muito valor. Era companheiro de chôro de Luiz de Souza, Carramona, Lica, Irineu Pianinho, Henrique, João dos Santos, Henrique Rosa, Néco, Galdino, Mrio e muitos outros. Era elle assíduo frequentador do quarto do Raymundo Conceição. O autor destas linhas privou muito com este talentoso e respeitado artista, este que deixou uma bagagem de musica de infinitas inspirações. O nosso bom Catulo, era delle um grande entusiasta e admirador de suas bellas producções, aproveitando as mesmas, que lhe inspiravam com as suas melodiosas letras poéticas, que tornaram verdadeiras maravilhas. Irineu era um typo gordo de altura regular, muito bonachão. Falleceu inesperadamente, deixado um grande vacuo na roda dos chorões. Elle também foi director de harmonia do Rancho Filhas das Jardineiras da Cidade Nova. Rancho este que competiu com o Ameno Resedá no carnaval de 1913. Eis aqui o que tenho a dizer deste intelligente musicista com o meu coração cheio de saudades.” [sic] (PINTO, 1936, p.103).

Ismael Brasil:

“Conheci-o ainda muito moço na rua de Santa Christina. Era filho de D. Antonica eximia modista das mais distinctas familias do bairro do Cattete. Foi muito tempo estafeta dos Telegrafos, e quando se inaugurou o casamento civil, foi elle nomeado continuo desta Repartição onde permaneceu longo tempo até que foi nomeado Carteiro do Correio Geral, logar este em que



ocupou com muito esmero e capricho, pois, primava por apresentar-se sempre asseado. Era um funcionario irrepreheavel, typo engraçado, razão porque era querido e admirado pelos companheiros de classe, amigos, e ainda mais pelos grandes chorões daquelle tempo. Era um trombonista de sopro macio, e no bombardino então não se fala, tendo por isso sempre preferencia pelos flautas seguintes: Videira, João Claudio do Senado, Salvador Marins, Raymundo da Alfandega, Felizberto Marques, João de Britto, Timbó, Genilicio, Balduino tendo por elle veneração. Ismael, era um chorão interessante. Era de estatura alta, de um modo oleirão, e foi por isto que nos Correios, o apelidaram de Bamza. Tinha no rosto signaes de bexiga. Era um chorão extraordinario na intimidade dos pagodes o bom do Ismael imitava com a transformação do rosto todos os bichos da Zoologia. Quando o pagode se prolongava, não deixava ninguem dormir applicando "mosquitos"; accendendo papeis e gritando por socorro; fazendo caricaturas com rolha queimada, no rosto dos que dormiam e infinidades de coisas que só elle sabia fazer, tornando-se por este motivo cada vez mais estimado na roda dos chorões. Uma occasião elle foi convidado para tocar em um baile em Jacarépaguá, e as paginas tantas apareceu no referido baile um tocador de ofphicleide desafinado, e tirando as notas fóra do compasso, atrapalhando toda a bôa harmonia. O que fez o Ismael, sem que ninguem percebesse arranjou um punhado de feijão e encheu o ophicleide do camarada, que, quando foi todo dengoso tocal-o não pôde por se achar o mesmo intupido. Em um outro pagode, em Nichtheroy, o Ismael notou que não havia "boia" então foi direito ao quintal sorateiramente e torceu o pescoço de quatro galinhas, e voltu de novo a tocar, e de vez em quando dizia para os companheiros de chôrô: Já matei quatro animaes, mas não garanto a criação podem ser Bhramas ou Mistiças, pretas ou Carijós. Quando o dia rompeu lá estavam as gallinhas mortas debaixo do poleiro. E elle fazendo um grande espanto de ingenuidade pediu uma faca, e foi cortando o pescoço das ditas deixando correr o sangue. Todas as pessôas da casa julgaram tratarse de peste, e assim elle e seus companheiros de chôrô tiveram um bom almoço de gallinha. Ismael deixou diversas producções, entre ellas a polka "Norival" que causou muito successo naquelle tempo. Falleceu no Cattete. O autor deste livro, era seu collega de Repartição, amigo e admirador deste astro que brilhou e desapareceu deixando saudades imorredouras. Acompanhei-o até á ultima morada, e ainda hoje quando se falla no nome de Ismael Brasil repercute no coração de cada um chorão daquelle época, uma pranteada recordação." [sic] (PINTO, 1936, p.93).

Jacinto Costa (O Quaty):

“Teve grande nomeada este celebre musico, que foi o esplendor dos músicos nesta cidad, Nichtheroy e até em S. paulo, onde celebrou-se com seu mavioso instrumento que era trombone. Naquelles tempos o seu nome andava de bocca em bocca, com uma admiração impossivel de descrever-se. Quaty era musico de verdade, pois conhecia com grande facilidade, e arte no seu instrumento. Acompanhava-os choros de ouvido, com grande belleza, fazendo os encantos nas notas de extasiar. Era distincto amigo e de finissima educação e trato. Onde estivesse o grande chorão, não havia tristeza, pois era muito pandego e brincalhão. Tambem já fallecido, a bastante annos.” [sic] (PINTO, 1936, p. 216).

Sabino Malaquias de Siqueira (O Binoca):

“Conheci-o muito e com elle privei não só na intimidade, como nos chôrôs, em que elle era um inveterado. A pessôa de que falamos, era um violão sublime. As cordas nos seus dedos faziam pulsar corações de tanta graça, e as bellas melodias que nelle, parecia que vinha do berço. Cantava bellas modinhas. Uma que eu me lembro era de uma beleza impossivel de descrever-se. E vou



tentar lembrar de um dos primeiros versos que é: Meu peito é um jardim Teu coração canteiro Meus olhos regas flores Eu mesmo sou jardineiro. E esta modinha que elle cantava com muito sentimento, e todos o applaudiam, ás vezes fazia repetir. Binoca, foi carteiro do Correio, foi de uma felicidade medonha, pois aprendendo a tocar trombone tornou-se um musico de primeira agua. O chorão de que falo, com sua inteligencia, aprendeu musica, foi um bellissimo companheiro, sempre prompto, a servir aos seus amigos emprestando nas festas muito brilhantismo com seu instrumento. Já falleceu, e quando se trata de seu nome é sempre com saudades. Na physionomia daqueles que com elle privavam, o nome de Binoca, é escripto com letras de ouro, como chorão de tempera.” [sic] (PINTO, 1936, p.57).

Salustiano Trombone:

“Foi grande músico, e respeitado pelo seu saber musical. Conhecia o seu instrumento com grande proficiencia. Foi primeiro trombonista no 7º Batalhão de Infantaria do Exercito, naquelles bons tempos. Leccionou seu instrumento a muitos, que tornaram-se grandes e afamados musicos. Tendo baixa da vida militar, ingressou nos Correios como servente, tendo pela sua correcção e comportamento galgado ao posto de carteiro, cargo em que falleceu. Morava em Nictheroy onde tinha uma familia, e se ufanava de ser um chefe amoroso. Lá, como aqui tocou em muitas sociedades musicas, e dansantes, sendo sempre muito procurado pela sua real proficiencia. No correio onde trabalhou, deixou um grande numero de amigos, não só de seus superiores, como de seus collegas. E assim findou-se mais um heroe deixando grandes saudades dos que tiveram a felicidade de conhecel-o.” [sic] (PINTO, 1936, p.112).

Salvador:

“(…) trombonista. Companheiro de Luiz de Souza e Irineu. Não sabemos se ainda vive.” (PINTO, 1936, p.236).

Este foi o primeiro registro de trombonistas ligados ao choro e que obviamente serviram como exemplos basilares não só para o desenvolvimento de uma linguagem do choro no instrumento, mas para todo o processo de construção de uma linguagem interpretativa do gênero. Partindo do princípio de que o choro está na raiz de todo desenvolvimento e desmembramento de vários outros gêneros da música brasileira como o samba, a bossa, etc, a importância destes músicos precursores do trombone na música popular brasileira, de uma certa forma, permanece até hoje como influência inequívoca na forma de tocar de vários trombonistas.

## 2. A primeira geração



Neste momento, citaremos alguns trombonistas aos quais creditamos importância na história do instrumento no Brasil e na construção de uma forma de tocar o trombone, não só no choro, mas na música brasileira como um todo. Ademais, contribuíram para consolidar o trombone como um instrumento característico do fazer musical brasileiro. Temos certeza de que isto traduzirá apenas uma parcela do panorama do cenário real, diante de um país de dimensões continentais e com uma diversidade musical tão grande como o Brasil. Não é nosso intuito enumerar todos os trombonistas, mas apenas listar alguns que julgamos importantes para o cenário trombonístico brasileiro - em especial para o gênero choro. Estas pequenas biografias tentarão mostrar um pouco do que representam estes trombonistas, suas relações com outros músicos e a sua importância para a história do trombone no choro. Em uma primeira geração podemos elencar Irineu Batina, Candinho, Euclides Galdino, Esmerino Cardoso e Vantuil de Carvalho.

Irineu Batina (1873-1916) nasceu no Rio de Janeiro. Foi um dos pioneiros do trombone no choro como citado por PINTO (1936, p.103). O fato de sempre usar um sobretudo ou sobrecasaca deu origem ao seu apelido. Também tocava oficleide<sup>1</sup> e eufônio<sup>2</sup> (bombardino). Era amigo de Alfredo da Rocha Vianna, pai de Pixinguinha, e frequentava as rodas e saraus que havia na então “Pensão Vianna”. Este contato estreito com a família Vianna fez dele professor de Pixinguinha, fato que foi determinante para moldar sua forma de tocar, fazendo seus característicos contracantos no saxofone. Foi também ele que deu as primeiras oportunidades a Pixinguinha de tocar profissionalmente e foi com ele que o futuro “Mestre” gravou pela primeira vez. Em 1913 Irineu Almeida no oficleide e Pixinguinha na flauta gravaram o seu tango *São João debaixo d’água*, com o Grupo *Choro Carioca* pela *Casa Edison*<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Instrumento de sopro da família dos metais, obsoleto, acionado pelos lábios, pertencente à família do bugle de chaves, da qual é o instrumento baixo. Foi patenteado pelo fabricante francês Halary em 1821. (SADIE, 1994, p.669)

<sup>2</sup> Instrumento da família dos metais, de largo perfil cônico, essencialmente um tipo de tuba tenor. (SADIE, 1994, p. 305)

<sup>3</sup> Casa Edison foi a primeira casa gravadora no Brasil e na América do Sul, fundada em 1900 por Frederico Figner no Rio de Janeiro. Inicialmente apenas importava e revendia cilindros fonográficos e discos (utilizados nos gramofones de Emil Berliner), mas em 1902, lança o que é considerada a primeira música brasileira gravada no país, o lundu *Isto é Bom* do compositor Xisto Bahia na voz de Baiano. Anos mais tarde em 1917 lançaria também o primeiro samba gravado no país, *Pelo Telefone*, de autoria de Donga e Mauro de Almeida, executado também por Baiano. Em 1926 a gravadora perderia a representação da Odeon e no ano seguinte passaria a gravar pelo selo *Parlophone*, até que, em 1932, sairia definitivamente da indústria fonográfica, passando a operar com máquinas de escrever, geladeiras e



Irineu Batina foi membro da lendária *Banda do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro*, sob a regência de ninguém menos que Anacleto de Medeiros. Assim como os outros chorões da Banda, frequentava todos os encontros e saraus dos chorões. Ele deixou várias composições famosas como *Avenida Beira Mar*, *Nininha*, *O meu ideal*, *Qualquer coisa*, dentre outros tangos, polcas e xotes. Talvez seu maior sucesso tenha sido o xote chamado *Os olhos dela* (1906), gravado pela banda da *Casa Edison*. Segundo PINTO (1936, p.78) “O seu instrumento preferido era o oficleide no choro, porém nas companhias lyricas ele era um trombonista disputado por todos os maestros estrangeiros”.

Sua importância para o choro foi grande, pois além de ter participado das primeiras gravações tocando oficleide e bombardino no Brasil, também foi responsável por lecionar para diversos chorões. Vale ressaltar que muito da linguagem do trombone no choro vem da forma de tocar o oficleide e o bombardino, daí a importância de Irineu neste contexto. Estes instrumentos eram responsáveis pelos contracantos e contrapontos nos arranjos das Bandas de Música ou “Bandas de Sopro” da época. Como todo gênero musical, o choro tem a sua maneira de tocar; além das linhas melódicas, os contracantos nos graves são fundamentais para complementar as ideias musicais no choro. A famosa “baixaria” do violão de sete cordas que conhecemos hoje é oriunda destes contracantos e destas frases “bombardinísticas” executadas pelos instrumentos graves das Bandas de Música. Segundo BRASIL DE MATOS GUEDES:

(...). As baixarias são contracantos graves realizados no choro. O termo pode designar: a) a linha formada pelos baixos da progressão dos acordes em uma determinada passagem; b) um desenho ou gesto melódico, por parte dos acompanhadores de tessitura grave, que normalmente conduz de um acorde a outro, que preenche os momentos de maior repouso da melodia principal ou ainda que define um estilo de levada. (BRASIL DE MATOS GUEDES, 2003, p.13).

Exemplos disso podem ser ouvidos em gravações feitas pela Banda da *Casa Edison*, principalmente nas composições e arranjos de Anacleto de Medeiros. Vale lembrar que tanto Irineu



Batina, no oficleide, como Cândido Pereira da Silva, no trombone, foram regidos pelo maestro Anacleto na *Banda do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro*.

Candido Pereira da Silva (1879-1960), o Candinho do Trombone foi um respeitado trombonista e um grande compositor. Nasceu no Rio de Janeiro e suas obras são extremamente virtuosas para a época e muito elaboradas harmonicamente. Nesse sentido, segundo JÚNIOR (2014), Candinho foi um marco para inovar na escrita e alavancar a qualidade da execução técnica trombonística no choro. Foi um trombonista virtuoso e muito diferenciado, pois além de tocar em grupos de choro e fazer várias gravações, também tocou na Orquestra do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, onde se aposentou em 1951, depois de 18 anos atuando no naipe de trombones. Foi também maestro de uma banda de música da Fábrica de Tecidos e sargento da banda da Polícia Militar do Rio de Janeiro. Um LP importantíssimo para a história do trombone no choro foi gravado em 1979 com obras de Candinho. O LP *Candinho na interpretação de Nelsinho* foi uma justa homenagem no centenário do compositor feita pelo trombonista Nelsinho do Trombone. Mesmo com essa gravação e algumas feitas por outros instrumentistas, o repertório de Candinho ainda é pouco conhecido entre trombonistas e chorões em geral. Apesar disso, a importância de Candinho como trombonista é inegável, sendo uma grande referência para o modo de tocar o choro pelos trombonistas, principalmente por suas atuações nas primeiras gravações da *Casa Edison* e *Favourite Records* se destacando como solista e desenvolvedor de contracantos (JÚNIOR, 2014, p.22).

Temos também dois trombonistas importantes na história do trombone no choro, que foram Euclides Galdino e Esmerino Cardoso, que integraram o grupo *Os oito Batutas*, que juntamente com Pixinguinha realizaram diversas gravações, viagens e apresentações, sempre divulgando o choro. São poucas as informações encontradas sobre estes importantes trombonistas da história do choro. Sabe-se que nasceram por volta do ano de 1900 no Rio de Janeiro. Esmerino Cardoso compôs em 1933 a valsa *A saudade não quer*, letrada por Orestes Barbosa. Segundo CABRAL (1998) “quando *Os Oito Batutas* retornaram à atividade além de Esmerino Cardoso outro trombonista se juntou ao grupo. Para isto incorporam ao grupo a bateria tipo americana de J. Thomaz e o trombone de Euclides Galdino. *Os Batutas* seriam ao mesmo tempo um grupo de Jazz e



Choro”. Esmerino pode ser visto em fotos clássicas do grupo. Deitado no chão com seu trombone, ou de pé com o trombone em riste. A verdade é que apenas o fato de Esmerino Cardoso e Euclides Galdino terem participado dos *Oito Batutas* já os credenciam a estar entre os principais músicos do gênero dada a importância histórica deste grupo.

Mais um importante trombonista que como Esmerino Cardoso e Euclides Galdino integrou o *Oito Batutas* foi Vantuil de Carvalho. Nasceu no Rio de Janeiro, por volta de 1900 e morreu com pouco mais de trinta anos. Grande amigo de Pixinguinha, além de músico, trabalhou como professor, orchestrador e compositor. Esta amizade proporcionou a Vantuil de Carvalho tocar com Pixinguinha no grupo da *Guarda Velha* e conseqüentemente tocar com figuras como Luiz Americano Rego (1900-1960), Bonfiglio de Oliveira (1891-1940)<sup>4</sup>, Ernesto Joaquim Maria dos Santos ou “Donga” (1889-1974), João Machado Guedes ou “João da Baiana” (1887-1974), entre tantos outros chorões. Teve o auge de sua carreira com a gravação pela gravadora *Odeon* de sua composição *Au Revoir* por volta de 1920. Em 1929 também obteve sucesso com sua marcha carnavalesca *Sou da fuzarca*, dedicada ao Clube de Regatas Flamengo. Outras composições como *Olha a pomba*, *És engraçadinha* e *Samba enxuto* merecem destaque.

### 3. A segunda geração

Em uma segunda geração podemos elencar Zezinho do Trombone, Astor Silva, José Leocádio, Raul de Barros, Lineu Fernandes Pedrotti, Nelsinho do Trombone e Norato.

José Catharina Gonçalves Filho (1908-1962), o Zezinho do Trombone, era paulista de Guaratinguetá, mesma cidade do chorão e trompetista Bonfiglio de Oliveira. Foi militar em Lorena/SP (Banda do 5º Regimento de Infantaria), depois se mudou para São Paulo para trabalhar como orchestrador. Escreveu, orchestrou e gravou várias músicas dentre elas *Bandinha Aurora*, *Terreiro de Iaiá*, *Samba Brasil* e *Bom dia Café* de Victor Simon, além do seu sucesso carnavalesco *Alegria*. Quando jovem, tocou ao lado de Bonfiglio, que era trompetista do grupo *Os Oito Batutas*.

---

<sup>4</sup> MOTA JUNIOR, Pedro. *Dois Estudos de Casos do Trompete no Choro: Flamengo de Bonfiglio de Oliveira e Peguei a Reta de Porfírio Costa*. Dissertação de Mestrado, UFMG. 2011.



Por meio de Dilermando Reis, Emílio Cortes e Paulo Alfaiate, foi introduzido no universo do choro e estes o apresentaram a Pixinguinha, com quem teve a honra de tocar em algumas apresentações. Sua importância para o trombone no choro decorre também de seu pioneirismo, tendo sido um dos primeiros trombonistas paulistas voltados para o gênero.

Da mesma geração, o carioca Astor Silva (1922-1968) também se destacou. Conhecido por ter composto o choro *Chorinho de Gafieira*, amplamente difundido nas rodas de choro de todo país e objeto de transcrição e análise neste trabalho, Astor Silva foi trombonista, compositor, arranjador e regente. Tocou com a Orquestra Tabajara, de Severino Araújo, se apresentando em vários países. Atuou também como produtor e diretor musical em gravadoras como a CBS, Continental, Rádio Tupi e TV Rio. Gravou e acompanhou artistas como Flora Matos, Virgínia Lane, Zilá Fonseca, Risadinha, Wanderléia, Cyro Monteiro, Rossini Pinto, Elis Regina, Ademilde Fonseca, Raul Moreno, Dóris Monteiro, Moreira da Silva, Nora Ney, Emilinha Borba, dentre outros. Entre suas principais composições encontramos os choros *Pisando Macio*, *No melhor da festa*, *Alta noite*, *Chorinho de boite* e os sambas *Sete Estrelas* e *Samba e Água Fresca*. No começo dos anos 60 realizou gravações de arranjos seus para o samba *Beija-me*, de Roberto Martins e Mário Rossi, gravado por Elza Soares, assim como nas músicas *Louco por você* e *Não é por mim* de Roberto Carlos. Em 1974, Raul de Barros o homenageou gravando em seu LP *Brasil Trombone* o seu choro *Chorinho de Gafieira*.

Entre os variados subgêneros e estilos do choro, em especial para o trombone, destaca-se o *choro de gafieira*<sup>5</sup>. Este nome batiza uma composição de Pixinguinha que teria, por característica, ser um choro mais “dançante”. Acreditamos que o *choro de gafieira* seja caracterizado muito mais pelo tipo de formação do grupo que o interpreta do que alguma característica contida em sua forma.

---

<sup>5</sup> O aparecimento dos salões de dança – depois denominados genericamente gafieiras – representa um curioso momento na história das relações de classe no Rio de Janeiro. Essa novidade da criação de um serviço de bar e música de dança à base de conjuntos de sopro, cordas e percussão, geralmente instalados em salões de velhos sobrados do antigo centro comercial do Rio, ou de alguns bairros e subúrbios mais populosos, surgiu no fim da segunda metade do século XIX, como uma evidente consequência ocorrida após a abolição da escravidão. (...) Essas sociedades recreativas representavam a primeira criação social de grupos praticamente sem experiência de ‘vida de salão’. Tanto isso é verdade que, na tentativa de imitar os bailes da gente da classe média, tais eram os pequenos equívocos de etiqueta cometidos, que um cronista chamaria pela primeira vez esse tipo de clubes de gafieiras para expressar, sob esse neologismo, a verdadeira enfiada de gaffês que neles sempre ocorria. (TINHORÃO, 2005, p. 206 e 207).



Geralmente, os grupos de gafieira não utilizam a formação original de “regional”<sup>6</sup> e utilizam a bateria (em substituição ao pandeiro) e o baixo (em substituição ao violão de 7 cordas). Na nossa visão, o choro interpretado com esse tipo de formação naturalmente já direciona as composições a uma interpretação mais “gafieirística” incitando os ouvintes a dançar. Apesar disso, aspectos formais também podem ser observados, como na interpretação do choro existir um espaço maior para improvisação, o que era normal para “esticar” e aproveitar um pouco mais a música fazendo que ela ficasse maior para que os dançarinos pudessem dançar mais. Outros choros para gafieira bem conhecidos, compostos por trombonistas, além de *Chorinho de Gafieira* de Astor Silva, foram *Na Glória*, de Raul de Barros e *Paraquedista*, de José Leocádio.

O trombonista José Leocádio provavelmente nasceu na década de 1910. Foi um dos membros fundadores da Orquestra Tabajara, de Severino Araújo. Segundo ALBRICKER (2000), a Orquestra Tabajara foi fundada em 1937 e suas gravações e apresentações contribuíram muito para o desenvolvimento do arranjo brasileiro para grandes formações. Em 1952, junto com os trombonistas Astor Silva e Manoel Araújo, e com o saxofonista Zé Bodega, gravou seus choros *Humildemente* e *Cadillac Enguiçado*. São seus também os choros *Quarenta Graus* e *Bariri*. José Leocádio é o compositor de um choro de gafieira muito popular, o *Paraquedista*, lançado pela Orquestra em 1946. O choro fez tanto sucesso que tem várias gravações, com muitos artistas. Em 1977, o flautista Altamiro Carrilho deu a sua versão em um LP chamado de *Antologia do chorinho*. Em 1996 a cantora paulista Carmina Juarez gravou o choro no CD *Arrasta a Sandália*, e em 2000, foi gravada pelo Quarteto de Trombones da Paraíba no CD homônimo, mas a versão mais conhecida foi gravada por Raul de Barros no seu LP *Brasil Trombone* de 1974.

No choro, o trombone inicialmente desempenhava os papéis comuns ao bombardino e o oficleide, como já foi explanado, fazendo o contracanto como nas Bandas de Música, ou “costurando as melodias”, como dizem alguns chorões. O papel do trombone como solista (melodia) era esporádico e com poucas gravações. Mas com o tempo este papel de apenas coadjuvante começou a mudar. Alguns trombonistas brasileiros, influenciados pelas grandes

---

<sup>6</sup> Instrumento de sopro solista, instrumento de corda solista, cavaquinho, violão de 6 cordas, violão de 7 cordas e pandeiro.



orquestras de música popular que cresciam na época, as *Big Bands*, se espelharam em trombonistas e *band leaders* americanos como Tommy Dorsey (1905-1956) e Glenn Miller (1904-1944) para assumirem a liderança de seus grupos. O maior representante desta reviravolta do trombone, e possivelmente o mais importante divulgador do instrumento como solista no Brasil foi Raul de Barros.

O carioca Raul Machado de Barros (1915-2009) foi um dos trombonistas brasileiros mais conhecidos dentro e fora do país. Sua composição mais famosa é o choro *Na Glória*, considerado pelos trombonistas como o hino do trombone popular brasileiro. É com certeza repertório obrigatório para qualquer trombonista que queira se dedicar ao estudo da música brasileira. Sempre que um trombonista está em uma roda de choro, a interpretação de *Na Glória* é pedido certo: “Toca *Na Glória!*”, “Toca Raul!!”.

Raul de Barros iniciou seus estudos em 1930 com Ivo Coutinho e Eugênio Zanata. Em 1935 começou a tocar em clubes do Rio, tocando em *dancings* onde conheceu Ivan Paulo da Silva (1910-1991), o Maestro Carioca, que o levou a Rádio Tupi. Seu primeiro disco solo foi lançado em 1948 e no ano seguinte gravou com sua orquestra o choro *Na Glória*, de sua autoria. Na década de 50 foi para a Rádio Nacional, onde apresentava um programa semanal e iniciou uma série de gravações de músicas que marcaram a história do trombone brasileiro, dentre elas suas composições: *Pororó-Pororó-Pororó*, *Gilda* (em homenagem a sua esposa) e *Melodia Celestial* (1955). Gravou o “*Intermezzo*” de Provost, em ritmo de Fox, e o choro *Voltei ao meu lugar* de Carioca, em 1956. Em 1957 gravou a sua música *Rock em Samba* e *Amigo Velho*, de Cristovão de Alencar (1910-1983) e Hélio Nascimento. No ano de 1958, lançou o LP *Ginga de Gafieira* com solos memoráveis para *Cidade Maravilhosa*, de André Filho; *Se acaso você chegasse*, de Lupicínio Rodrigues e Felisberto Martins; *Gosto que me enrosco*, de Sinhô e a música título do álbum, *Ginga de Gafieira*, de Alcebiades Nogueira.

O reconhecimento de Raul como grande instrumentista só crescia. Em um concurso promovido pela revista *O Cruzeiro*, organizado pelo pesquisador Ary Vasconcelos, Raul de Barros foi eleito o melhor trombonista do ano de 1955. Este reconhecimento o levou a participar em 1966



do *Festival de Arte Negra de Dakar*, no Senegal. Na delegação brasileira também estavam Clementina de Jesus, Ataufó Alves, Paulinho da Viola e Elton Medeiros.

Em 1974 gravou talvez, o seu mais conhecido disco, o *Brasil Trombone*, com destaque para as interpretações de seus choros *Na Glória* e *Pororó-Pororó*; *Chorinho de Gafieira*, de Astor Silva; *Paraquedista* de José Leocádio; *Folhas Secas*, de Guilherme de Brito (1922-2006) e Nelson Cavaquinho (1911-1986) e *Saudades da Bahia* de Dorival Caymi (1914-2008). Em 1979 lançou outro LP, chamado de *O Som da Gafieira*. Nele gravou os famosos *Piston de Gafieira* e *Estatuto da Gafieira*, de Billy Blanco (1924-2011), além de sambas como *Coração Leviano*, de Paulinho da Viola (1942-) e *Casa de Bamba*, de Martinho da Vila (1938-).

Em 1983 lançou o LP *Trombone de Ouro*. Neste álbum Raul de Barros regravou seu choro *Na Glória* em um novo arranjo, começando seu famoso choro de uma forma inusitada, em ritmo de valsa (ternário). Neste álbum Raul grava choros tradicionais como *Carinhoso*, de Pixinguinha; *Pedacinhos do céu*, de Waldir Azevedo; *Doce de Côco*, de Jacob do Bandolim; além de *Ela me disse*, de Lupicínio Rodrigues (1914-1974) e um arranjo muito interessante e dançante de *Chattanooga Choo Choo*, um clássico norte americano de Glenn Miller, interpretado em ritmo de samba/gafieira.

Raul de Barros, além de sua carreira de solista, sempre participou de shows e gravações de outros artistas. Tocou ao lado de Ary Barroso (1903-1964), Pixinguinha, Radamés Gnatalli (1906-1988), dentre vários outros nomes de peso da música brasileira. Participou da produção da marcha *Pra frente Brasil*, de Miguel Gustavo<sup>7</sup> e foi o trombonista dos primeiros discos do grande sambista Angenor de Oliveira (1908-1980), o Cartola, lançados pela gravadora *Marcus Pereira*.

O “Rei da Gafieira”, como ficou conhecido, é um dos principais instrumentistas que servem de exemplo estilístico para a interpretação do choro e samba para dançar, o “choro e samba de gafieira”. Sua forma de tocar é sem dúvida uma das referências para quem se dedica ao estudo do trombone popular brasileiro. Raul de Barros influenciou a carreira de vários trombonistas. Segundo o próprio Zé da Velha, “todos naquela época admiravam o Raul. Ele era um grande artista e

---

<sup>7</sup> Em entrevista ao *Jornal do Brasil*, em 2002, Raul de Barros reivindicou a coautoria de *Pra Frente Brasil* (1970), alegando que ele teria feito a melodia, enquanto Miguel Gustavo criou a letra.



trombonista” (MATOS; FREITAS, 2014). Esta afirmação pode ser corroborada por Silvério Pontes, que também atesta ter ouvido de Zé da Velha que “Raul de Barros, segundo o Zé, é uma das influências que ele teve como trombonista...” (PONTES, 2017).

Representante do sul do país, o trombonista Lineu Fernandes Pedrotti (1933-), o Maestro Pedrotti, nasceu em Pelotas, Rio Grande do Sul. Em 1950, ingressou na *Rádio Gaúcha*, de Porto Alegre, onde trabalhou de 1957 até 1960. Em 1962, foi morar no Rio de Janeiro. Trabalhou na TV Continental, TV Rio, TV Excelsior e TV Tupi. Por essa última emissora trabalhou também como maestro e arranjador. Participou dos programas *A grande chance* e *Cassino do Chacrinha*. Em 1971, lançou o LP *Pedrotti vai de samba na Sucata*. Em 1975, lançou o LP *Gafeira meu xodó*, pela gravadora *Discofam*, com os choros *Na Glória* de Raul de Barros e *Paraquedista*, de José Leocádio. Foi regente da Orquestra Sinfônica da Universidade Gama Filho, do Rio de Janeiro de 1976 a 1977 realizando vários concertos no Brasil e exterior. Na Argentina, em Mar Del Plata, compôs um *jingle* durante a realização da Copa do Mundo de futebol de 1978 para o evento. Trabalhou também em Vitória/ES na *TV Vitória* e compôs outro *jingle* para a Copa do Mundo da Espanha, em 1982. Como compositor, Maestro Pedrotti escreveu sambas enredo para a escola de samba de sua cidade natal, além da trilha sonora dos filmes *Tudo é Brasil*, de Rogério Sgarzela, e *Açorianos*, de David Quintas. Ao longo de mais de cinquenta anos de carreira, gravou ao todo oito discos.

Nelson Martins dos Santos (1927-1996), o Nelsinho do Trombone foi um músico muito completo, sua importância como arranjador foi imensa, devido aos seus trabalhos como diretor artístico nas gravadoras *RCA Victor* e *Odeon*. Ele nasceu no Rio de Janeiro e começou a sua carreira no exército tendo aulas com trombonistas como Gilberto Gagliardi<sup>8</sup>. Como arranjador e trombonista, realizou trabalhos com os principais artistas brasileiros. No LP *Gente da Antiga*, teve a oportunidade de tocar com Pixinguinha, Dino 7cordas, Nelson Sargento (1924-), João da Baiana e Clementina de Jesus (1901-1987). No choro, Nelsinho prestou uma bela homenagem a Candinho Trombone, com LP *Candinho na interpretação de Nelsinho*, como já citado anteriormente. Este

---

<sup>8</sup> Gilberto Gagliardi (1922-2001) é paulista. Trombonista, arranjador, compositor e professor. Desbravador do ensino do trombone no Brasil, foi inovador na didática musical, trazendo ao Brasil as técnicas mais modernas utilizadas nos grandes centros. É autor de métodos para o ensino do trombone que são amplamente utilizados. Como compositor e arranjador, é responsável por uma literatura extensa de música brasileira para trombone e piano, duos, quartetos, octetos, etc. Disponível em <<http://dicionariompb.com.br/gilberto-gagliardi>>. Acesso em: 1 abr. 2016.



disco é uma das principais fontes das músicas do antigo mestre Candinho. Segundo JÚNIOR (2014), os arranjos de Nelsinho exploraram todo o vanguardismo e virtuosidade contida nas obras de Candinho. Segundo o pesquisador Hélio Amaral:

(...). Não bastasse Candinho ser dos compositores mais complicados no universo do choro, o trombonista e arranjador Nelsinho conseguiu a proeza de complicá-lo ainda mais! Acrescentando todos os acordes dissonantes a que teve direito (às vezes temos a impressão de que não sobrou espaço para mais nada), tornou *Candinho na interpretação de Nelsinho* um dos discos mais arrojados harmonicamente dos anos 1970. (...) talvez a perícia de Nelsinho seja saber, exatamente, onde pode *quebrar* a harmonia, sem o risco de desvirtuar completamente o choro. Acaba criando um contraste delicioso, pois ante a tantas dissonâncias, o sentimento aflora sempre com grande força. O resultado é um disco provocante, instigando o ouvinte a novas audições. (Disponível em <Blog <http://blogdochoro.zip.net/>>. Acesso em: 21 set. 2016).

Outros trabalhos importantes feitos por Nelsinho foram a participação nos discos do sambista Cartola, *Verde que te quero Rosa*, *Cartola* e *Cartola 70 anos*. Os solos de Nelsinho em canções como *Aconteceu*, *Não posso viver sem ela*, *Minha*, *Sei chorar* e *Senhora Tentação*, são de audição essencial para qualquer trombonista interessado em desenvolver a linguagem no trombone na música popular brasileira.

Desta mesma geração temos o mineiro Antônio José da Silva, mais conhecido por “Norato”. Norato iniciou sua carreira artística em 1949, atuando nas orquestras do maestro Orlando Silva de Oliveira Costa (1922-1992), ou Maestro Cipó e do Maestro Carioca, onde se destacou como solista, realizando diversas gravações e viagens. Sua primeira gravação foi em 1951, com o grande cavaquinista Waldir Azevedo, interpretando *Pisa Mansinho*, de Jorge Santos. Em 1952, destacou-se como solista no LP *Assim eu danço*, com o Maestro Cipó.

Com a Orquestra Enrico Simonetti (1924-1978) gravou com diversos artistas como Maysa, Agostinho dos Santos, Elza Laranjeiras, Cidália Meireles e Roberto Luna. Em 1955 gravou as músicas de sua autoria *Férias em bica* e *Treze listas*. Em 1962, participou da gravação do LP *Festa dentro da noite*, de Oswaldo Gogliano (1910-1962), o Vadico. Chegou em 1963 na orquestra da gravadora *RCA Victor*, gravou com Alaíde costa, Ivon Curi, Linda Batista e Jorge Goulart. Em 1965 volta para a orquestra do Maestro Cipó e atua em diversas boates cariocas com o *Clube de Jazz e*



*Bossa*. Em 1967, ingressou na *Orquestra Sinfônica Nacional*, tocando em concertos transmitidos pela TV Globo do Rio de Janeiro, no programa *Concertos Sinfônicos*. Deixou a orquestra no ano seguinte para tocar na *Orquestra Odeon*. Como solista e arranjador, lançou seu LP *Um Trombone ao Sol*, em 1972.

#### 4. A terceira geração

Chegamos então a uma terceira e atual geração de trombonistas, agora mais voltada ao chamado *Brazilian Jazz* ou *Samba Jazz*<sup>9</sup>, que podemos dizer que foram influenciados e influenciam, mesmo que indiretamente, os trombonistas dedicados ao choro. Podemos destacar os irmãos Maciel (Edmundo e Edson Maciel), Raul de Sousa, Roberto Marques e Vittor Santos.

Tema importante a ser debatido, o jazz exerceu forte influência nos músicos instrumentais brasileiros nas décadas de 50 e 60, principalmente na forma como os americanos organizavam a sua didática musical nos campos da harmonia e arranjos. O estilo de tocar dos jazzistas cativou muitos trombonistas brasileiros, mas houve uma interpretação abrasileirada de toda essa informação e conteúdo que o jazz proporcionou. Essa forma de se fazer o choro e o samba “jazzificado” fez com que alguns padrões usados pelos norte-americanos fossem modificados, tanto no tipo de escalas utilizadas, como também na relação com a parte rítmica. Essa mistura fez com que um novo modelo de improvisação nascesse no Brasil, através de trombonistas talentosíssimos que fizeram escola e citaremos a seguir.

Edmundo Maciel (1927-2011) nasceu em Minas Gerais e mudou-se para o Rio de Janeiro/RJ, quando tinha 13 anos. Ed Maciel, como era chamado, trabalhou no cargo de primeiro trombonista da Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Em 1957 lançou o LP *Na Cadência do Samba* com seu grupo *Carioca Serenaders*. Gravou em discos antológicos como *Canção do amor demais*, de Elizeth Cardoso; *Chega de saudade*, de João Gilberto e *Coisas*, de

---

<sup>9</sup> Expressão usada para definir a música instrumental brasileira dos anos 50, que foi influenciada pela música popular norte americana. (MOTTA,1998).



Moacir José dos Santos<sup>10</sup> (1926-2006). Ao longo de sua carreira gravou com artistas como Chico Buarque, Francis Hime, Miucha, Wilson Simonal, Ney Matogrosso, Maria Bethania, Gal Costa, Milton Nascimento, dentre outros.

Seu irmão Edson Maciel (Maciel “Maluco”) também seguiu pelo mesmo caminho. Com seu trombone fez história, tocando no lendário “Beco das Garrafas”<sup>11</sup> e gravando discos revolucionários da área instrumental na década de 1960 como *É samba novo*, de Edson Machado; *Embaló*, de Tenório Júnior; *Novas Estruturas*, de Luiz Carlos Vinas; *Dom Um*, de Dom Um Romão; *Turma do Bom Balanço*, de Dom Salvador e *Ataque*, de Eumir Deodato & Os Catedráticos. No LP *Você ainda não ouviu nada*, com Sérgio Mendes & Bossa Rio (1963), fez dupla com ninguém menos que Raul de Souza, hoje o trombonista brasileiro mais conhecido e reconhecido internacionalmente.

João José Pereira de Souza, o Raul de Souza nasceu no Rio de Janeiro em 23 de agosto de 1934. O nome artístico “Raul”, foi dado por Ary Barroso, depois do menino João vencer um concurso de calouros. Ary disse que João não era nome de trombonista e sim Raul (fazendo referência ao grande trombonista Raul de Barros), ficando então batizado por ele inicialmente como Raulzinho do Trombone, e depois Raul de Souza.

Aos 16 anos, Raul começou a tocar trombone de válvulas na banda da Fábrica de Tecidos de Bangu. Os primeiros trabalhos foram nas gafeiras do Rio de Janeiro. No ano de 1956 entrou para a Banda da Força Aérea Brasileira, no CINDACTA II<sup>12</sup>, em Curitiba, ficando até 1963. Também foi músico da *Orquestra Carioca* na Rádio Mayrink Veiga, participando de programas televisivos e acompanhando cantores como Roberto Carlos. Sua primeira gravação foi em 1957, com a *Turma da Gafeira*, ao lado de músicos como Baden Powell (1937-2000) e Severino Dias de Oliveira (1930-2006), o Sivuca. Em 1963 gravou o histórico LP *Você ainda não ouviu nada*, com Sérgio Mendes (1941-) e o grupo *Bossa Rio*, excursionando pela Europa e Estados Unidos.

---

<sup>10</sup> DIAS, Andrea Ernest. *Mais “Coisas” sobre Moacir Santos, ou os Caminhos de um Musico Brasileiro*. Tese de Doutorado, UFBA. 2013.

<sup>11</sup> Beco das Garrafas é o nome atribuído a uma travessa sem saída da Rua Duvivier, entre os edifícios de números 21 e 37, situado no bairro de Copacabana no Rio de Janeiro, que abrigava um conjunto de casas noturnas, nas décadas de 50 e 60. Berço da bossa nova e da nova música instrumental brasileira. (MOTTA, 1998).

<sup>12</sup> Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo (Curitiba/PR).



O seu primeiro disco solo foi *À vontade mesmo*, gravado em 1965. Foi morar em Boston para estudar na *Berklee Music College*, se transferindo em 1975 para Los Angeles. Lá ele gravou o disco *Colors*. Com George Duke (1946-2013), gravou em 1977 o LP *Sweet Lucy*, voltado para o funk americano e em 1978 o LP *Don't ask me neighbours*. Neste mesmo ano ganhou o título de Cidadão Honorário, em Atlanta, na Geórgia. Em 1979 gravou o LP *Till tomorrow comes*, em 1998, gravou o CD *Rio*, com o trombonista americano Conrad Herwig (1959-). Em 2006 gravou o CD *Jazzmim*, com o grupo curitibano *Na Tocaia*. Este álbum contém algumas composições autorais como *St. Remy*, *Violão quebrado* e *Yolaine*. Em 2008, Raul grava o CD *Bossa eterna*, contando com a participação dos músicos João Donato (1934-), Luiz Alves (1944-) e Robertinho Silva (1941-).

Raul de Souza não gravou apenas no trombone, mas também no saxofone. Após um acidente de carro na década de 1980, Raul de Souza ficou acamado por alguns meses. Como não era possível o uso do trombone ele começou a estudar saxofone tenor. Sua primeira gravação com o novo instrumento aconteceu em 1986, com o LP *Viva volta*.

Raul de Souza representou o Brasil em diversos festivais de jazz, como os de Montreux e Monterrey. Quando morou nos Estados Unidos tocou com os principais nomes do jazz como J.J. Johnson (1924-2001), Frank Rosolino (1926-1978), Chick Corea (1941-), Cannonball Adderley (1928-1975), Freddie Hubbard (1938-2008), Stanley Clarke (1951-), Sarah Vaughan (1924-1990), Ron Carter (1937-), Sonny Rollins (1930-), Lionel Hampton (1908-2002), dentre outros.

O chamado *Brazilian Jazz* de Raul de Souza é sua marca registrada e faz dele um trombonista único, segundo a crítica especializada. Seus solos e improvisos são amplamente estudados por trombonistas das principais escolas de música popular do mundo. Revistas como a *New York Jazz Magazine* e *Down Beat* colocam Raul de Souza na lista dos maiores trombonistas de todos os tempos.

Outro grande trombonista carioca foi Roberto Marques ( -2017). Muito ligado ao choro e ao samba de gafieira tem participações em shows e gravações de vários artistas e bandas. Já se apresentou e gravou com Roberto Carlos, Maria Bethânia, Titãs, Paulinho Moska, Zeca Baleiro, Guinga, Velha Guarda da Portela, Milton Nascimento, Caetano Veloso, Ney Matogrosso, Simone,



Alcione, Martinho da Vila, Nelson Gonçalves, Zeca Pagodinho, dentre outros. Participou também com Flávio Pantoja do show “*Pixinguinha Inédito*”.

Em 1982 ganhou o troféu de “Melhor do Ano”, pela *Sociedade Brasileira de Jazz*, e em 1989, conquistou o troféu *Víctor Assis Brasil*, também como “Melhor do Ano”. Em 1995, apresentou-se no *Free Jazz Festival*, integrando o grupo *Brasil All Stars*, em uma verdadeira seleção brasileira de músicos instrumentais de grande expressão. Em 1997, com Rodrigo Lessa (bandolim), Lula Galvão (violão), Xande Figueiredo (bateria), Marcos Esguleba (percussão), Eduardo Neves (sax e flauta) e Edson Menezes (baixo), formou o grupo *Pagode Jazz Sardinha's Club*, com o qual lançou um CD homônimo em 1999. No ano de 1998, fez o lançamento de seu disco solo *Trombone do Brasil*, com músicas autorais como *Trombone Vadio*, *Pulmão de Aço*, *Rasga Saia* e *Pau no Meio*, além de alguns choros como *Pedacinhos no Céu* (Waldir Azevedo) e *Chorinho de Gafeira* (Astor Silva).

Curiosamente, a tradição do trombone no Brasil está diretamente ligada aos arranjadores e regentes. Como mostram estas pequenas biografias, a grande maioria dos nomes citados, além de dominar vários outros instrumentos, é composta por grandes compositores, arranjadores, regentes e professores de música. Por algum motivo, técnico ou não, existe uma grande quantidade de trombonistas com este perfil no Brasil e no exterior<sup>13</sup>. Essa característica que sempre existiu permanece até hoje, possivelmente devido ao fato de que a dificuldade de se bem executar o trombone exija uma grande musicalidade, em um sentido geral.

Como representante atual dessa escola de trombonistas/arranjadores temos Vitor Sebastião Silva Santos, o Vittor Santos. Natural de Petrópolis, nasceu em 1965. Sua relação com a música começou aos 11 anos, quando ingressou na Banda do Clube Musical Euterpe, de sua cidade, para aprender música com o regente Alberto de Araújo Lopes.

O interesse pela música e pelo samba em especial, aconteceu mesmo antes de sua formação musical. Começou a escrever arranjos com 14 anos, a carreira profissional começou em conjuntos de baile por volta de 1979. Em 1985 montou a *Orquestra Vittor Santos*, com a qual realizou diversas apresentações pelo Brasil e gravou os discos *Aquarelas Brasileiras* e *Um Toque Tropical*.

---

<sup>13</sup> Ex. J.J.Jhonson, Ray Conniff (1916-2002), Tommy Dorsey, Glenn Miller, Per Brevig (1936-), dentre outros.



A partir de 1986 começa a ser convidado a lecionar harmonia e arranjo em vários cursos e festivais no país. Nesse mesmo ano de 1986 deu aulas no *I Seminário Brasileiro de Música Instrumental*, organizado por Toninho Horta, em Ouro Preto (MG). Nesta época, Vittor Santos iniciou seus estudos com Ian Guest<sup>14</sup>, aprofundando mais seu conhecimento técnico sobre harmonia e arranjos. Foi professor de arranjo e harmonia funcional na escola de música *In Concert*, no Rio de Janeiro/RJ e em 2000, participou de um Seminário de Música Brasileira, na Dinamarca.

Pela gravadora *Leblon Records* fez seu primeiro CD solo chamado *Trombone* (1994). Em 1997, lançou o CD *Sem Compromisso* registrando sua composição *Samba do acaso*. Como instrumentista, participou do *Free Jazz Festival* em 1999, gravou em 2001 no CD *Ouro Negro* (homenagem ao compositor e maestro Moacir Santos), atuou em gravações de vários *songbooks* lançados pela *Lumiar Discos*, de Almir Chediak, além de ter gravado com grandes artistas como Chico Buarque, Alceu Valença, Moraes Moreira, Caetano Veloso, Leny Andrade, Gal Costa, Miltoninho, Elza Soares, Ivan Lins, Tim Maia, Leila Pinheiro, Fátima Guedes, Antônio Adolfo, Tom Jobim, Ed Motta, Carlinhos Vergueiro, Ivan Lins, Beth Carvalho e Zizi Possi, entre outros.

Trabalhando como arranjador e produtor musical, dirigiu shows de Carlinhos Vergueiro (Coração Popular) e de Danilo Caymmi (Sol Moreno) além de ter sido responsável por arranjos em discos de artistas como Moraes Moreira, Ricardo Amado, Jards Macalé, Alberto Rosenblit e grupos como Skank, Titãs, dentre outros.

---

<sup>14</sup> Ian Guest nasceu em 1940 na Hungria. Bacharel em composição pela Universidade federal do Rio de Janeiro e Berklee College of Music, em Boston, Estados Unidos. Fundador do Centro Ian Guest de Aperfeiçoamento Musical (CIGAM). Em 1987, no Rio, foi professor de Raphael Rabello, Almir Chediak, Zélia Duncan, Leila Pinheiro, Bittor Santos, Hélio Delmiro, Maurício Einhorn Luiz Carlos Vinhas, Henrique Cazes, Maurício Carrilho, Maurício Tapajós, Mario Adnet, entre outros. Introduziu o Método Kodaly em várias cidades brasileiras. Disponível em <<http://dicionariompb.com.br/ian-guest/biografia>>. Acesso em: 1 abr. 2016.



## 5. Considerações finais

Atualmente há vários trombonistas brasileiros que se dedicam ao choro, eles atuam em rodas de choro espalhadas por todo país, além de existirem diversos registros e gravações. A título de exemplo, citarei apenas dois trombonistas que representarão toda essa geração atual.

A maior referência na atualidade é, sem dúvida alguma, o trombonista Zé da Velha (1943-). José Alberto Rodrigues Matos nasceu no dia 04 de abril de 1942 em Aracaju/SE. Veio para o Rio de Janeiro ainda criança e teve suas primeiras noções de música com o pai, que era saxofonista. Seu pseudônimo Zé da Velha foi conseguido através da experiência que teve ainda jovem, tocando com Pixinguinha, Donga e João da Bahiana no conjunto *Velha Guarda*. Zé da Velha tocou e gravou com nomes como Paulo Moura, Joel Nascimento, Abel Ferreira, Waldir Azevedo e Copinha, no histórico Choro na Praça, Valdir e Valter Silva, no grupo Chapéu de Palha, dentre outros. Com Silvério Pontes (trompetista), fez uma dupla que é conhecida como “a menor Big Band do mundo”, apelido carinhoso dado pelo violonista Maurício Carrilho. Com o trompetista, criou um som renovado, mas apegado à tradição, gravando seis discos: *Só Gafieira!*. (1995), *Tudo Dança* (1998), *Ele & Eu* (2000), *Samba Instrumental* (2003), *Só Pixinguinha* (2006) e *Ouro e Prata* (2012). Diferentemente da maioria dos trombonistas citados, Zé da Velha dedicou sua carreira musical única e exclusivamente para o choro, se tornando uma referência de performance no gênero não só para trombonistas, mas para todos os músicos que interpretam o choro. Sua experiência com o grande mestre Pixinguinha, o contato com a banda de música e sua prática e conhecimento do violão lhe conferiram mais do que o domínio sobre a interpretação do gênero, mas uma linguagem própria que hoje é referência para interpretação do choro.

Outro trombonista carioca que podemos considerar ser um dos representantes da mais nova geração do trombone no choro no Brasil é Everson Moraes. Nascido em Cordeiro/RJ, é bacharel em trombone pela UNIRIO e idealizador do grupo *Os Matutos*. No choro se confessou<sup>15</sup> extremamente influenciado por Zé da Velha, por quem nutre uma profunda admiração e respeito. Everson desenvolve um espetacular trabalho de pesquisa e recuperação de partituras na região serrana do

---

<sup>15</sup> Depoimento de Everson no filme *Brasileirinho* (2005), do diretor e cineasta finlandês Mika Kaurismaki.



Rio de Janeiro. Além disso, lançou em 2016, o CD *Irineu de Almeida e o Oficleide 100 Anos Depois*, juntamente com um álbum contendo as partituras das obras gravadas, sendo o primeiro CD gravado no Brasil utilizando um oficleide original do século XIX. Juntamente com seu irmão Aquiles Moraes, trompetista, foram considerados os sucessores de Zé da Velha e Silvério Pontes. Segundo o próprio PONTES (2017):

(...) o Everson toca choro exatamente como o Zé, é impressionante como ele consegue imitá-lo. Sem dúvida alguma é o trombonista que mais se aproxima da forma de Zé da Velha tocar. Estes dois irmãos são fantásticos. Não é à toa que nas rodas de choro o Everson foi apelidado de “Zé da Nova” e o irmão Aquiles de “Silvério Pinguêlinha.” (PONTES, 2017).

## 6. Referências

- ALBIN, Cravo. *Dicionário Cravo Albin da música popular brasileira*. Disponível em <http://www.dicionariompb.com.br>. Acessado em 24/01/2016.
- ALBRICKER, Marcos Vinícius Lopes. *A big band brasileira: a contribuição de Severino Araújo e sua Orquestra Tabajara*. Dissertação de Mestrado. PPGMUS/UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.
- BRASIL DE MATOS GUEDES, Alexandre. *Introdução à Poética do Contrabaixo no Choro: O Fazer do Músico Popular entre o Querer e o Dever*, 2003. 180 f. UNIRIO, Rio de Janeiro, 2003. (Dissertação de Mestrado em Música).
- DINIZ, André; CUNHA, Diogo. *Zé da Velha & Silvério Pontes 30 anos: A Menor Big Band do Mundo*. Rio de Janeiro: Al-Farábi, 2016
- JESUS, Sérgio Luiz de. *Zé da Velha: Vida e Trajetória no Choro*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999 (Dissertação de Mestrado).
- JUNIOR, Osmário Estevam. *Cândido Pereira da Silva: “Chorão”, compositor e trombonista brasileiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014 (Dissertação de mestrado).
- MATOS, José Alberto Rodrigues; FREITAS, M. F. A. *Entrevista de Zé da Velha a Marcos Flávio de Aguiar Freitas em 23/05/2014*. Belo Horizonte, Escola de Música da UFMG: 2014 (Gravação em vídeo).
- PINTO, Alexandre G. *Reminiscências dos chorões antigos*. Rio de Janeiro, 1936.
- PONTES, Silvério. *Entrevista de Silvério Pontes a Marcos Flávio de Aguiar Freitas*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <whatsapp (31) 9 99556438> em 04/10/2017. Betim/MG: 2017 (áudio).

Submissão: 17/jul/18 – Aceite: 27/set/18

ISSN: 2595-1238



**DVD**

KAURISMAKI, Mika. *Brasileirinho: grandes encontros do choro*. Rio de Janeiro: Marco Foster Productions, 2005.